

FETRAF-SUL/CUT: O NOVO SINDICALISMO RURAL SULISTA

Lizandra Pirin – aluna do mestrado – Universidade Estadual de Londrina
liz_outstanding@yahoo.com.br

Ruth Youko Tsukamoto – Orientadora - Universidade Estadual de Londrina
tsukamoto@uel.com.br

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa refere-se à fundação de uma nova entidade sindical rural, denominada Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul (FETRAF-SUL/CUT). Assim, procurou-se identificar o processo de criação desta entidade, observando sua ligação com os Sindicatos de Trabalhadores Rurais (STR) e, por fim, compreender sua interação sócio-espacial com os agricultores familiares.

Dessa forma se estruturou uma abordagem limitada em três segmentos, discutidos em origem e organização da federação, suas lutas e conquistas frente aos desafios e o estudo do caso do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Município de Francisco Beltrão-PR.

Para tanto, contou-se com a investigação primária, realizando-se várias entrevistas com sindicalistas vinculados à FETRAF-SUL/CUT, ao STR de Francisco Beltrão, os quais são agricultores familiares. Como fonte secundária, explorou-se acerca do sindicalismo rural e materiais produzidos pela federação.

A partir daí procurou-se examinar a atuação da nova federação e sua influência nos STRs da região Sul, já que sua organização reside no bojo do sindicalismo rural combativo, denominando-se de *novo sindicalismo rural*.

2. Gênese e organização da FETRAF-SUL/CUT

A Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (FETRAF-SUL/CUT), criou-se no I Congresso Sindical da Agricultura Familiar da Região Sul, realizado em Chapecó-SC, de 28 a 30 de março de 2001.

A organização para o congresso se deu durante dois anos, articulado por Sindicatos de Trabalhadores Rurais, onde a proposta de criação da nova federação foi sendo debatida e organizada em reuniões de base.

A aprovação pela fundação da FETRAF-SUL/CUT se deu por voto unânime de 1212 delegados de 95 sindicatos representados no congresso, com raízes em cerca de 240 municípios dos três estados: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Atualmente são 178 sindicatos filiados à federação com aproximadamente 300 mil famílias de agricultores.

Toda a articulação para o alicerçamento dessa federação é deve-se aos Sindicatos de Trabalhadores Rurais (STRs), por meio de debates advindos de anos anteriores que se concretizou no ano de 2001 na FETRAF-SUL/CUT.

O sindicalismo rural oficial surgiu na década de 1960 que, segundo Coletti (1998, p.71), a sua expansão foi intensa a partir de 1962, como política do governo contra as manifestações por terra que ocorriam no campo. Esse período foi marcado por rupturas e mudanças no campo brasileiro, em que

as transformações econômicas e as péssimas condições de relações de trabalho se desencadeavam em conflitos.

Essas lutas impulsionavam o rompimento daquelas relações de exploração, e a classe dominante começava a se preocupar com o meio rural. Neste sentido, para Coletti (1998, p.56): “[...] o sindicalismo oficial foi estendido ao campo numa *tentativa do Estado de trazer a organização política autônoma do campesinato para o âmbito de seu controle*”. (Grifos do autor)

Assim os Sindicatos de Trabalhadores Rurais que surgiam eram estruturalmente controlados pelo Estado. Esse sindicalismo oficial estava dotado de práticas assistencialistas que minimizavam os problemas dos trabalhadores rurais nas questões relativas à saúde e à previdência.

O sindicalismo oficial rural tomou conta de todo o país, porém, no final da década de 1970, iniciou-se um processo de oposições sindicais no campo. Essas oposições constituíam-se de trabalhadores descontentes com a atuação dos sindicatos atrelados ao Estado, com o modelo desenvolvimentista adotado pelo governo nos anos 1930 a 1960 de integração dos mercados nacionais, de alimentos, de trabalho e matérias-primas e nos anos 1950 com a constituição do setor de bens de capital e insumos básicos, chamado de D1. É a partir daí que se inicia o processo de industrialização do meio rural, que desencadeia uma série de mudanças no bojo da agricultura: a proletarização rural e o acúmulo de capital no campo. Ainda está relacionado ao início da abertura política do regime militar (FETRAF-SUL/CUT, 2002, p.18).

Nesta mesma década a Igreja começa a atuar junto aos trabalhadores por meio das Comunidades de Base e das Pastorais, especialmente a Comissão Pastoral da Terra, as quais realizavam um trabalho reflexivo com os trabalhadores rurais para despertar a luta pela mudança dos sindicatos e, no ano de 1978 várias direções sindicais foram eleitas.

Neste sentido, na região Sul do Brasil, foco desse ensaio, os principais Sindicatos de Trabalhadores Rurais com oposições sindicais na diretoria eram: o STR de Francisco Beltrão (PR), o STR de Chapecó (SC) e o STR de Erechim (RS). Essas oposições eram articuladas regionalmente pela proximidade geográfica, constituindo-se em sindicatos combativos: Sudoeste do Paraná, Oeste de Santa Catarina e Alto Uruguai no Rio Grande do Sul.

A partir da organização dos sindicatos ditos combativos surgiram várias ações em conjunto e um processo de crescimento ordenado para formação de entidades que cooperam no desenvolvimento da agricultura até a fundação da FETRAF-SUL/CUT, representado no quadro 1.

Quadro 1: Representação da Articulação dos STRs Combativos desde 1978

Ano	Articulação estrutural acerca dos STRs da região Sul.
1978	Regiões articuladas: COSAU, Coordenação Sindical do Alto Uruguai, Articulação dos Sindicatos Autênticos do Oeste de Santa Catarina, a Micro 1-A no Sudoeste do Paraná e a Oposição Sindical também no Paraná, denominado de <i>novo sindicalismo rural</i> .
1980	Pela articulação de diversas lutas empreendidas os sindicatos constituíram a Articulação Sindical Sul.
1983 - 1990	Teve papel fundamental na criação da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Criação das CUTs regionais e o surgimento do Departamento Nacional dos Trabalhadores Rurais da CUT (DNTR) e para a organização dos Departamentos Estaduais dos Trabalhadores Rurais (DETR).

1985	Criação da Escola Sindical Margarida Alves
1986	Criação do Departamento de Estudos Sócio-Econômicos Rurais (DESER)
1992	Formação do Fórum Sul dos Rurais da CUT. Com intuito de fortalecer os departamentos estaduais.
1994	Luta por crédito diferenciado para os agricultores da região Sul: I Grito da Terra Brasil, que resultou no Programa de Valorização da Pequena Produção Rural (PROVAP).
	<i>Continuação</i>
1995	II Grito da Terra Brasil, alcançou-se a melhoria do programa de crédito: Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF).
1995	Realização do II Congresso do Departamento Nacional de Trabalhadores Rurais da CUT, onde se definiu a ação estratégica de transformação estrutural da CONTAG e das FETAG, disputando as eleições.
1995-1997	Desestruturação dos departamentos Estaduais da CUT nos três estados: PR, SC e RS. No entanto, em Santa Catarina ocorre uma ruptura com a FETAESC e surge a Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar de Santa Catarina (FETRAFESC).
1997	Rearticulação regional dos sindicatos combativos e é realizado o I Encontro da Agricultura Familiar em Chapecó-SC, com a definição de dois pontos fundamentais: 1- a dinâmica regional com a participação das lideranças de base; 2- de forma clara e definida a agricultura familiar passa a ser o eixo de ação sindical.
1998	Realização do II Encontro da Agricultura Familiar em Erechim-RS.
1999	Realização do III Encontro da Agricultura Familiar no Município de Francisco Beltrão, construindo-se a proposta da criação da Frente Sul da Agricultura Familiar, esta abrangia desde sindicatos filiados à CUT até Organizações Não-Governamentais (ONG).
2001	Constituição da Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (FETRAF-SUL/CUT).

Fonte: FETRAF-SUL/CUT, 2002, organizado pela autora.

Concomitante aos sindicatos combativos ligados à CUT, outras entidades ligadas principalmente ao Estado, ainda persistentes da década de 1970, agiam sobre vários Sindicatos de Trabalhadores Rurais de todo o país, como a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), que por sua vez agrega as Federações Estaduais de Trabalhadores na Agricultura (FETAG) e estas têm os STRs em suas bases.

Neste sentido tentando transformar as estruturas das federações estaduais impregnadas de assistencialismo, os sindicatos da região Sul se desafiavam em formar oposições ou composições de chapas para a disputa das eleições (1995).

Mas, esta investidura não alcançou êxito e conforme o quadro 1 observa-se que a tentativa é de “radicalizar”, desafiando os sindicatos à criação de uma nova entidade que represente os anseios frente à sociedade e fortaleça a “identidade” do agricultor familiar por meio da FETRAF-SUL/CUT, cujo processo, ainda está em processo de construção.

Percebe-se o desafio empreendido pelo STRs nas palavras do Coordenador Geral da FETRAF-SUL/CUT Altemir Tortelli:

“A FETRAF nasceu só em 2001, ela podia ter nascido em 1991, percebe, podia ter nascido 10 anos antes. Nós fizemos a opção de quase extinguirmos os Departamentos e extinguimos o DNTR em 1995, porque nós achávamos que era possível trazer a CONTAG e as FETAGs pra CUT. E elas abriram mão de 30-40 anos de um modelo sindical, de uma concepção sindical pra vir para a CUT e isso foi um grande erro e engano que nós entramos, um grande erro que nós cometemos e nós demoramos

10 anos para perceber” (ENTREVISTA ALTEMIR TORTELL, dia 03/08/2005).

Portanto, a FETRAF-SUL/CUT deve representar e beneficiar agricultores familiares que se constituem por pequenos proprietários, rendeiros, parceiros e meeiros, os quais trabalham em regime de economia familiar.

Um ponto importante na criação da federação é a transformação dos STRs em Sindicatos dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (SINTRAF), de forma que deixam de representar os assalariados rurais, porém, há a preocupação com a categoria em ajudar a formar um sindicato específico.

A mudança é necessária para assim delimitar o espaço de atuação e representação, afirmando a identidade como organização da agricultura familiar, embora pareça fácil, é uma mudança estatutária, ela é uma mudança de público, e mesmo do conceito do sindicato, pois implica em não mais representar os assalariados rurais, acarretando em complicações legais e políticas (CONGRESSO SINDICAL..., 2001, p.24).

O conceito de agricultura familiar utilizado na nova configuração sindical refere-se que:

Os principais elementos estratégicos de desenvolvimento da agricultura familiar e que se diferenciam da agricultura patronal, são: elevada capacidade de geração de emprego e renda; ocupação da mão de obra familiar; ocupação mais democrática do espaço rural; características de produção que permitem a preservação dos recursos naturais; diversidade cultural; sistemas de produção diversificados, convívio e desenvolvimento das pessoas de maneira saudável e com fortes ligações com a comunidade; capacidade de auto sustentação e subsistência de alimentos; promoção do desenvolvimento social; atuação na cooperação; forte vínculo das pessoas com terra e a família; e a alta capacidade de utilização e reciclagem de recursos próprios. (FETRAF-SUL/CUT, 2002, p.12).

Essa concepção de agricultura familiar está sendo defendida pela FETRAF-SUL/CUT, devido às características da região Sul, referenciadas pela entidade por meio do Censo Agropecuário de 1995/1996 (IBGE), o qual mostra a existência de 994 mil estabelecimentos, dos quais 904 mil do tipo familiar ocupando uma área de 19,4 milhões de hectares, representando pequenas propriedades rurais.

Neste sentido a federação busca desenvolver ações por meio de projetos para melhorar a qualidade de vida dos agricultores, de forma que consigam enfrentar o modelo de produção implantado na sociedade.

2.1 As lutas e projetos desenvolvidos pela FETRAF-SUL/CUT

A partir da criação da FETRAF-SUL/CUT pode-se dizer que muitas foram as conquistas para os agricultores. Aponta-se mobilizações reivindicativas e projetos que estão sendo implementados.

Desde 1999, o grupo de sindicatos organizados em torno da federação coordena o Projeto Terra Solidária, o qual visa à formação integral dos agricultores, proporcionando a certificação no ensino fundamental, qualificação profissional e formação sindical, formando mais de 5000 pessoas.

Outro projeto importante que vem desde a fundação da FETRAF-SUL/CUT, um convênio com Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), em que a federação coordena dois cursos de

ensino superior, um de desenvolvimento rural e gestão agroindustrial, e o outro de Pedagogia para os anos iniciais e educação para jovens e adultos.

Há a participação intensa da FETRAF-SUL/CUT e de seus filiados em eventos que visam à melhoria da qualidade de vida e igualdade social como os Fóruns Sociais Mundiais de 2002, 2003 e 2005 realizados em Porto Alegre-RS e feiras que promovem e divulgam o potencial da agricultura familiar no Brasil.

Com relação à mobilização para a garantia de direitos, como no ano de 2002, quando houve estiagem na região Sul os agricultores se mobilizaram sobre a ponte do Rio Uruguai, na divisa do Rio Grande do Sul e Santa Catarina reivindicando recursos, os quais foram alcançados.

Conforme a entrevista com o coordenador Geral Altemir Tortelli: *“Quando não avança a negociação nós vamos pro pau. Ocupamo, trancamo. Então nós continuamo sendo o sindicato reivindicativo, o sindicato de luta de massa, de rua, de mobilização” (ENTREVISTA com Altemir Tortelli, dia 03/08/2005).*

No ano de 2003, na mesma ponte houve outra mobilização para entregar a pauta de reivindicações para o governo. Nesta o governo Lula anunciou o valor inédito para agricultura familiar R\$5,4 bilhões (FETRAF-SUL/CUT, 2003 p.31).

No final do ano de 2004 e início de 2005, ocorreram mobilizações para renegociação de dívidas referentes à estiagem nos três estados sulistas, cujos objetivos, com muita negociação, junto ao governo, foram atingidos.

No que se refere a projetos a FETRAF-SUL/CUT, visando a melhoria da qualidade de vida dos agricultores implementou o Projeto de Habitação Rural, que consiste em uma cooperativa de agricultores familiares (COOPERHAF). Esta cooperativa tem convênios com os governos estadual e federal que subsidia uma parte da obra, e funciona dentro dos STRs e SINTRAFs, permitindo os agricultores necessitados reformar ou construir sua casa. Os resultados desse projeto já são expressivos, pois até 2004 foram construídas e/ou reformadas cerca de 1500 casas.

Outro projeto que está sendo implementado é o de redes de agroindústrias, que visa a assessoria nas áreas de gestão, formação e funcionamento das agroindústrias familiares. Existem outros projetos sendo elaborados e em implementação como de comercialização de soja orgânica para exportação. Neste sentido, busca-se a organização da produção em cooperativas, associações e outras formas organizativas.

A agricultura familiar dispõe, portanto, de um amplo capital social que pode se tornar um elemento fundamental na potencialização de uma estratégia de desenvolvimento regional, que seja capaz de reverter as prioridades do atual projeto neoliberal e, ao mesmo tempo, permitir a elaboração, monitoramento e, inclusive, contribuição na implementação de políticas públicas (FETRAF-SUL/CUT, 2002, p.7).

Para o coordenador geral da FETRAF-SUL/CUT, *“[...] os sindicatos na minha avaliação compreenderam a importância da Federação...De uma estrutura na região Sul pra encaminha as reivindicações, pra fazer as negociações, pra organizar as lutas [...]”.* Portanto o papel que FETRAF-SUL/CUT deve cumprir é de organizar, diferenciar seu movimento, apresentar-se como entidade de apoio aos agricultores junto aos sindicatos, como se verificará no estudo de caso no Sindicato do município de Francisco Beltrão-PR.

3. O Sindicato dos Trabalhadores rurais de Francisco Beltrão – estudo de caso

Esse sindicato foi criado no ano de 1963, por um grupo de agricultores e profissionais, que tinham no Estado apoio assistencialista. Os indivíduos que faziam parte deste sindicato eram produtores autônomos, trabalhadores rurais autônomos, que trabalhavam na agricultura sem empregados, em regime de economia familiar ou coletiva (EDITAL de convocação para fundação do STR de Francisco Beltrão, 23/05/1963).

Como esse grupo de sindicalistas agia com pouco interesse junto aos agricultores, no final da década de 1970 o sindicato mudou radicalmente a sua direção executiva.

Consta que no início dos anos de 1960, segundo Torrens (1993, p.10), um grupo de missionários belgas, juntamente com um grupo de profissionais liberais de Francisco Beltrão passou a desenvolver um trabalho de reflexão sobre a Doutrina Social da Igreja.

O grupo atuou na fundação, em 1966, da Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural (ASSESOAR), e em conjunto com as Igrejas, por meio da Comissão Pastoral da Terra (CPT), com os cursos de reflexão ministrados, essa entidade conseguiu articular agricultores descontentes com a atuação do STR de Francisco Beltrão a concorrer às eleições em 1972.

Essa chapa oposicionista não foi aceita pelo Ministério do Trabalho. Com o mesmo propósito em 1975, novamente a oposição sindical se formou para as novas eleições, que da mesma forma não obteve êxito junto ao Ministério do Trabalho no momento do registro.

Depois de muito trabalho articulador, os resultados sólidos começaram a aparecer, sendo em 1978, nas novas eleições sindicais, a oposição sindical venceu em Francisco Beltrão.

A partir daí, segundo Torrens (1993, p.13): “[...] tornou-se um ‘pólo de referência do movimento sindical rural de toda a região Sul’, na medida em que foi o primeiro STR a ser conquistado pelos seguimentos afinados com as proposições do chamado ‘*novo sindicalismo*’” (Grifo nosso).

Desse modo percebeu-se que a atuação do STR de Francisco Beltrão foi intensa junto aos outros sindicatos da região Sul na criação da FETRAF-SUL/CUT, haja vista, que atualmente a sua sede representa o Núcleo Regional da federação. Ali os sindicatos filiados à FETRAF-SUL/CUT realizam as reuniões, articulações em geral.

O STR de Francisco Beltrão tem cerca de 900 sócios, agricultores familiares que mantêm o pagamento da mensalidade pontual, dessa forma há manutenção dos trabalhos no balcão do Sindicato.

A relação do STR/FB com a FETRAF-SUL/CUT é bastante intensa, pois desenvolve os projetos de Habitação Rural, agroindústria e as discussões acerca da comercialização, entre outros projetos.

A presidente do STR/FB, Terezinha Sukenski afirma que a FETRAF-SUL/CUT:

“[...] chegou na hora certa pra atender as necessidades dos agricultores e do sindicalismo”. Porque a gente estava com a federação que era a FETAEP. Então a gente via que não dava resultado, não atendia nós agricultores, tinha outra visão. Daí a gente caiu fora e veio a discussão de criar outra federação que atendesse a agricultura familiar, que hoje a gente tem e é ali que passa os projetos. Se o sindicato (...) cresceu bastante é porque também teve muita participação da FETRAF. Hoje a gente vê o sindicato mais moderno, mais bonito, mais organizado, as lutas agente conseguiu fazer sendo atendido, a habitação a gente (...) tá aí, que nunca

existia era um sonho, projeto do meio ambiente a gente tem, os jovens organizados (...), crédito, bolsa estiagem, tudo veio, depois da FETRAF. É nova e de 2001 pra cá houve um grande avanço. De 2001 pra cá houve um avanço que é incomparável no sentido de organização (...) com a participação dos agricultores, (...), porque hoje eles têm claro o que eles querem como agricultores familiares (...) (ENTREVISTA com Terezinha Sukenski, dia 20/10/2005).

Em todas as entrevistas realizadas observa-se que os sindicalistas se sentem realizados com a fundação da FETRAF-SUL/CUT, do ponto de vista organizativo, com ações, com propostas sendo implementadas e grande adesão dos agricultores familiares.

5. À guisa de considerações finais

A propósito de concluir este ensaio considera-se que há muito a ser investigado acerca da FETRAF-SUL/CUT, no entanto, compreende-se que o surgimento da federação iniciou-se em um processo de crise da década de 1990 do sindicalismo rural, decorrente de propostas ousadas da CUT em transformar a estrutura da CONTAG e as federações estaduais.

Entretanto a ligação com os STRs na região Sul do Brasil é bastante forte, haja vista que decorre da década de 1970, quando da formação das oposições sindicais articuladas que mantiveram vínculo organizativo e atualmente se encontram em volta da FETRAF-SUL/CUT. De modo que esta federação atende às necessidades dos agricultores familiares envolvidos com projetos elaborados pelos STRs, a partir da demanda das famílias. As negociações com o governo se torna propositiva, ou seja, ao Estado cabe o papel de repassar os recursos para a implementação.

Neste sentido, é um sindicalismo que se diferencia pelo fato de propor ações e não somente de reivindicá-las frente ao Estado. E a partir desse *novo* jeito de atuar que a FETRAF-SUL/CUT pretende afirmar a agricultura familiar com identidade e resistência no campo brasileiro.

A federação vem se estruturando de forma a ampliar sua base geográfica e denominando suas ações como um *novo sindicalismo rural*, propositivo e articulado.

6. Referências Bibliográficas

CASTILHOS, D. S. de. Construindo a identidade da agricultura familiar. In: FETRAF-SUL/CUT. *Agricultura Familiar em Mutirão*: Manual de orientação aos monitores. Out./2003, p.13-16.

COLETTI, C. *A estrutura sindical no campo*: a propósito da organização dos assalariados rurais na região de Ribeirão Preto. Campinas: Editora da UNICAMP: Área de Publicação CMU/UNICAMP, 1998.

CONGRESSO SINDICAL DA AGRICULTURA FAMILIAR 1, 2001,Chapecó. Resoluções. Gráfica Popular, 2001.p.42.

EDITAL. *Sindicato dos Produtores rurais autônomos de Francisco Beltrão*. Edital de Publicação, 23 de maio de 1963.

ENTREVISTA com Altemir Tortelli, Coordenador Geral da FETRAF-SUL/CUT. Chapecó-SC, 03 de agosto de 2005. Fita Cassete (60 min.).

ENTREVISTA com Terezinha Sukenski, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Francisco Beltrão-PR. 20 de outubro de 2005. Fita Cassete (60 min.).

FETRAF-SUL/CUT. *Agricultura familiar, desenvolvimento e o novo sindicalismo*: da vida que vem da terra, a semente de um novo Brasil... semente do Novo Sindicalismo. Mar./2002, p.31.

_____. *Agricultura Familiar em Mutirão*: Manual de orientação aos monitores. Out./2003, p.64.

TORRENS, J. C. S. *Movimentos Sociais no campo na região Sudoeste do Paraná: Avaliação e perspectivas*. Conselho deliberativo do Diagnóstico Regional: Pesquisas do Diagnóstico da pequena produção agrícola. DESER/dez. 1993.